



A dialética da dependência contemporânea: a educação como mercadoria

Roberta Sperandio Traspadini¹

Resumo

O presente artigo apresenta considerações sobre o atual movimento do capital transnacional, a centralidade da América Latina no plano das ocupações territoriais sob o jugo do capital financeiro e a centralidade da transformação dos direitos sociais em mercadorias no plano da produção e dos serviços. Tem como objetivo explicitar o avanço do capital-mercadoria na educação brasileira, com o caso específico da Kroton-Anhanguera. Para desenvolver tais questões, com base na atual concentração-centralização do capital, trabalharemos com três movimentos conectados entre si, a saber: 1) A centralidade do capital-trabalho no século XXI; 2) A acentuação da barbárie social; 3) A centralidade da concentração de capital no setor educativo, a partir do exemplo da corporação Kroton-Anhanguera. A categoria analítica chave é a da dependência, tratada por Ruy Mauro Marini.

Palavras chave: Trabalho; dependência; concentração de capital.

La dialéctica de la dependencia contemporánea: la educación como mercancía

Resumen

El presente artículo presenta consideraciones sobre el actual movimiento del capital transnacional, la centralidad de América Latina en el plano de las ocupaciones territoriales bajo el yugo del capital financiero y la centralidad de la transformación de los derechos sociales en mercancías en el plano de la producción y de los servicios. Tiene como objetivo explicitar el avance del capital-mercancía en la educación brasileña, con el caso específico de la Kroton-Anhanguera. Para desarrollar tales cuestiones, con base en la actual concentración-centralización del capital, trabajaremos con tres movimientos conectados entre sí, a saber: 1) La centralidad del capital-trabajo en el siglo XXI; 2) La acentuación de la barbarie social; 3) La centralidad de la concentración de capital en el sector productivo, a partir del ejemplo de la corporación Kroton-Anhanguera. La categoría analítica clave es la de la dependencia, tratada por Ruy Mauro Marini.

Palabras clave: Trabajo; dependencia; concentración del capital.

The dialectics of contemporary dependence: Education as a commodity

Summary

¹ Professora do Curso de Relações Internacionais e Integração da Universidade Federal da Integração Latinoamericana (UNILA). Economista pela UFES; Mestre em desenvolvimento econômico pela UFU; Doutora em Educação pela UFMG. Endereço eletrônico: robertatraspadini@gmail.com

This article aims to make considerations about the current movement of transnational capital, the centrality of Latin America in terms of land occupations in the grip of finance capital and the centrality of the transformation of social rights in goods in terms of production and services. It aims to explain the advance of commodity-capital in the Brazilian education with the specific case of Kroton-Anhanguera. To develop such matters, based on the current concentration - centralization of capital, we will work with three movements connected to each other, namely: 1) the centrality of capital and labor in the twenty-first century; 2) The accentuation of social barbarism; 3) The centrality of the concentration of capital in the educational sector, from the example of Kroton-Anhanguera corporation. The key analytical category is the dependence treated by Marini.

Key words: Work; dependence; concentration of capital.

Introdução

O presente artigo apresenta considerações sobre o atual movimento do capital transnacional, a centralidade da América Latina no plano das ocupações territoriais sob o jugo do capital financeiro e a centralidade da transformação dos direitos sociais em mercadorias no plano da produção e dos serviços.

Para desenvolver tais questões, com base na atual concentração-centralização do capital, trabalharemos com três movimentos conectados entre si, a saber: 1) A centralidade do capital-trabalho no século XXI; 2) A acentuação da barbárie social; 3) A centralidade da concentração de capital no setor educativo, a partir do exemplo da corporação Kroton-Anhanguera.

As principais categorias trabalhadas neste artigo são: capital; dinheiro; trabalho; trabalho produtivo. Para dar início ao exercício, retomaremos três importantes citações contidas em A riqueza das nações de Adam Smith (1996) - principal autor da economia política clássica, mentor do liberalismo econômico e das leis invisíveis do mercado - como elemento dialógico sobre o fundamento da escola-trabalho inerente ao desenvolvimento do modo de produção capitalista. Escreve Smith (1996, p. 65; 73-74):

O maior aprimoramento das forças produtivas do trabalho, e a maior parte da habilidade, destreza e bom senso com os quais o trabalho é em toda parte dirigido ou executado, parecem ter sido resultados da divisão do trabalho. (...) Essa divisão do trabalho, da qual derivam tantas vantagens, não é, em sua origem, o efeito de uma sabedoria humana qualquer, que preveria e visaria esta riqueza geral à qual dá origem. Ela é a consequência necessária, embora muito lenta e gradual, de uma certa tendência ou propensão existente na natureza humana que não tem em vista essa utilidade extensa, ou seja: a propensão a intercambiar, permutar ou trocar uma coisa pela outra. (...) Numa sociedade civilizada, o homem a todo momento necessita da ajuda e cooperação de grandes multidões, e sua vida inteira mal seria suficiente para conquistar a

amizade de algumas pessoas. No caso de quase todas as outras raças de animais, cada indivíduo, ao atingir a maturidade, é totalmente independente e, em seu estado natural, não tem necessidade da ajuda de nenhuma outra criatura vivente. O homem, entretanto, tem necessidade quase constante da ajuda dos semelhantes, e é inútil esperar esta ajuda simplesmente da benevolência alheia. Ele terá maior probabilidade de obter o que quer, se conseguir interessar a seu favor a autoestima dos outros, mostrando-lhes que é vantajoso para eles fazer-lhe ou dar-lhe aquilo de que ele precisa. É isto o que faz toda pessoa que propõe um negócio a outra. Dê-me aquilo que eu quero, e você terá isto aqui, que você quer — esse é o significado de qualquer oferta desse tipo; e é dessa forma que obtemos uns dos outros a grande maioria dos serviços de que necessitamos. Não é da benevolência do açougueiro, do cervejeiro ou do padeiro que esperamos nosso jantar, mas da consideração que eles têm pelo seu próprio interesse. Dirigimo-nos não à sua humanidade, mas à sua autoestima, e nunca lhes falamos das nossas próprias necessidades, mas das vantagens que advirão para eles. Ninguém, a não ser o mendigo, sujeita-se a depender sobretudo da benevolência dos semelhantes. Mesmo o mendigo não depende inteiramente dessa benevolência. Com efeito, a caridade de pessoas com boa disposição lhe fornece tudo o de que carece para a subsistência. Mas embora esse princípio lhe assegure, em última análise, tudo o que é necessário para a sua subsistência, ele não pode garantir-lhe isso sempre, em determinados momentos em que precisar. A maior parte dos desejos ocasionais do mendigo são atendidos da mesma forma que os de outras pessoas, através de negociação, de permuta ou de compra.

Estas três citações relativas aos capítulos iniciais da obra de Smith são suficientes para explicitar duas características imprescindíveis ao desenvolvimento do capitalismo em sua tradição liberal: o trabalho comandado (via especialização-divisão social) e a natureza egoísta do homem.

Segundo a perspectiva de Smith, ao analisar o desenvolvimento originário do capitalismo na Grã Bretanha, a centralidade da produção de riqueza das nações conforma-se na condução do trabalho do maior número de pessoas para o fim último de obter o máximo daquilo que outros produzem. A especialização fundamento da divisão do trabalho neste autor manifesta a centralidade mercantil do valor de troca e explicita a substância desigual contida na aparência das consignas de liberdade-igualdade-fraternidade. Bandeiras discursivas de uma sociedade ancorada na concepção do comércio como o novo espaço-tempo civilizador, do até então, homem lobo do homem.

Marx em contraposição, no livro I do Capital, destaca o caráter inerente à condição humana, o trabalho, para além da concepção mercantil definidora do trabalho abstrato. Argumenta (Marx, 1998, p.216):

O trabalho é, em primeiro lugar, um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. O homem se enfrenta à matéria natural mesma como um poder natural. Põe em movimento as forças naturais que pertencem à sua corporeidade,

braços e pernas, cabeça e mãos a fim de apoderar-se dos materiais da natureza sob uma forma útil para sua própria vida. Ao operar por meio desse movimento sobre a natureza exterior a ele e transformá-la, transforma ao mesmo tempo sua própria natureza. Desenvolve as potências que adormeciam nela e sujeita a seu poderio o jogo de forças da mesma.

Marx e Smith, partem de posições distintas para explicar suas respectivas teorias valor-trabalho. O trabalho comandado com o fim egoísta de tirar proveito na relação mercantil com o outro, de Smith, e a perspectiva marxiana de entender a ontologia manifesta na condição de ser social do e pelo trabalho, nos permite desenhar, nas entranhas da sociedade desigual que fundamenta o desenvolvimento capitalista, e a luta permanente encarnada por duas visões de mundo e de sociedade antagônicas. A perspectiva do valor-trabalho de explicitação dos benefícios da ordem burguesa de Marx, atrelada a perspectiva burguesa, e a construção da teoria valor-trabalho de Marx centrada na revelação da substantiva relação desigual e combinada por trás dos desdobramentos da era do capital. A economia política apresenta-se assim desde a hegemônica economia política clássica de Smith e a viva crítica da economia política de Marx.

Neste processo de consolidação hegemônica da perspectiva do trabalho assalariado “livre”, cuja matriz é a alienação, exteriorização e subsunção real do trabalho aos ditames do capital, as relações Norte-Sul foram consolidadas para demarcar centralidades em várias dimensões:

- a) Centralidade da terra e do trabalho como objetos mercantis no desenvolvimento das forças produtivas;
- b) Centralidade de continentes ricos nestes dois “objetos” na produção-apropriação da riqueza capitalista no Norte, desde as terras-trabalhos do Sul;
- c) Centralidade da ideologia do progresso, da modernidade, frente à possibilidade de outros processos, modos de produção de vida;
- d) Centralidade dos Estados Nacionais, da Nação-nacionalismo, como marco jurídico-policial ordenador de direitos e deveres renováveis ao longo do tempo histórico afim aos desdobramentos deste particular processo de produção mercantil.

Em outros termos, a centralidade da hegemonia do modo de produção capitalista coloca em movimento dialógico-dialético a construção social-histórica do trabalho como ser para outro e dos territórios como pertencentes aos domínios do processo de valorização do capital. Nesse sentido, Norte-Sul são denominações de poder, construídas historicamente com o fim de transformar o originário em objetos, o ser em mercadorias, o ter em célula orgânica da condução dos processos de vida.

Como bem reforçado por Cox (2014, p.4):

A teoria é sempre para alguém e com algum propósito. Todas as teorias têm sua perspectiva. As perspectivas derivam de uma posição no tempo e no espaço, especificamente de um tempo e um espaço político e social. O mundo é visto desde um ponto de vista definível em termos de nação ou classe social, de dominação social, de dominação ou subordinação, de poder em aumento ou em decadência, de um sentido de imobilidade ou de crise presente, de experiência passada e de esperanças e expectativas para o futuro. Por suposto, a teoria sofisticada nunca é somente a expressão de uma perspectiva. Quanto mais sofisticada é uma teoria, mais reflete sobre sua própria perspectiva e, ao mesmo tempo, mais a transcende; mas a perspectiva inicial está sempre contida dentro de uma teoria e é relevante para a sua explicação. Não há, portanto, algo assim como uma teoria si mesma separada de um ponto de vista no tempo e no espaço. Quando qualquer teoria se representa a si mesma como divorciada de sua perspectiva, é importante examiná-la como ideologia e expor seu ponto de vista oculto. (tradução própria)

A produção social da ideia de Norte-Sul nos remete à consolidação de uma matriz político-ideológica conformada por estruturas desiguais cujo afã discursivo de tratá-las com igualdade se esvai no ar, à medida que o capitalismo consolida novas fases. Por trás dos discursos se oculta uma realidade cuja produção social-histórica é desigual, com tendência progressiva a ampliação deste fosso entre Norte-Sul.

Territórios fortes-débeis politicamente demarcados pela histórica arte da guerra, cujos instrumentos, fruto da criatividade humana, são utilizados para colocar em xeque a própria vida. Ludovico Silva chama a atenção em seu clássico *A mais valia ideológica* (2013) para os equívocos da interpretação da ideologia como algo fora do plano concreto das condições materiais de vida. Nas palavras do autor (Silva, 2013, p.39):

A forma como a realidade da história determina a ideologia não é unívoca, nem inequívoca, nem necessariamente se realiza como uma determinação externa ao homem. A ideologia, assim, não se produz no homem mecanicamente, como o “reflexo” da realidade natural que se produz na câmara fotográfica. Se em vez de entendermos a ideologia, seguindo o próprio Marx, como expressão da realidade histórica, ou seja, como a linguagem com a qual os homens tratam de expressar o que pensam, sentem ou desejam sobre as condições materiais de vida, teremos dado um grande passo; e o teremos dado, além disso, seguindo as pegadas deixadas por Marx.

Há uma totalidade por trás do desenvolvimento das ideias. Há uma tendência ao longo dos últimos 550 anos. Totalidade e tendência demarcam a inerente substância desigual entre a produção social da riqueza capitalista e a apropriação privada concentrada-centralizada em alguns poucos proprietários capitalistas mundiais.

O capital não tem pátria definida, sua dinâmica de valorização é universal. Mas é na particularidade dos distintos territórios que ele se materializa. E no movimento antagônico-

complementar entre o universal e o particular nascem novas formas de um mesmo conteúdo de dominação enquanto valor que se valoriza permanentemente, sob a exploração da força de trabalho no âmbito geral, e superexploração da força de trabalho no âmbito particular das economias dependentes. Isto, somado à expropriação da terra para fins mercantis, dão a tônica da história do desenvolvimento desigual e combinado.

Há uma cooperação antagônica entre o universal-particular. E o capital materializado nas lutas que ocorrem nos territórios, cria-aniquila-consolida diferenças de toda ordem para seu próprio proveito, com o afã de ampliar lucros e contrarrestar tendências históricas à sua permanente crise estrutural (tendência à queda da taxa de lucro).

A divisão Norte-Sul é apenas um artefato aparente de uma substância totalitária-totalizadora de produção-valorização do capital via novos conteúdos de apropriação da terra e do trabalho no âmbito mundial. No âmbito da crítica da economia política, a materialização da ideia de Norte-Sul encarna a totalidade do movimento do capital no âmbito mundial e explicita a territorialidade do poder, frente à debilidade do ser cuja materialidade se manifesta nas históricas lutas de classes vivenciadas nos territórios.

Para avançarmos na compreensão contemporânea deste fenômeno de concentração-centralização do capital no Norte, a partir das múltiplas formas débeis instituídas na produção de riqueza no Sul, demarcaremos a precisão da análise com as palavras de Mandel (1985, p.14) sobre o desenvolvimento capitalista:

O modo de produção capitalista não se desenvolveu em meio à um vácuo, mas no âmbito de uma estrutura sócio econômica específica, caracterizada por diferenças de grande importância, por exemplo, na Europa Ocidental, Europa Oriental, Ásia Continental, América do Norte, América Latina e Japão. As formações sócio econômicas específicas (..) que surgiram nessas diferentes áreas no decorrer dos séculos XVIII, XIX e XX, e que em sua unidade complexa (juntamente com as sociedades da África e Oceania) abrangem o capitalismo concreto, reproduzem em formas e proporções variáveis uma combinação de modos de produção passados e presentes, ou mais precisamente, de estágios variáveis, passados e sucessivos, do atual modo de produção(...). O sistema mundial capitalista é, em grau considerável, precisamente uma função da validade universal da lei do desenvolvimento capitalista desigual e combinado.

1) A centralidade da relação capital-trabalho no século XXI

O que significa ancorar a construção da ideia de civilização com base na troca, no dinheiro, na acumulação de capital? Como garantir, nesse tipo de construção uma sociedade emancipada, solidária e com outro sentido de ser e de natureza, quando a centralidade está pautada nos sentidos concretos de realização dos pecados capitais como forma de ser da pro-

dução de vida em sociedade? Qual o papel que a escola cumpre ao longo do desenvolvimento deste tipo de sociedade, cujos alicerces são o trabalho comandado e o egoísmo?

Acreditamos que fique mais claro explicar o sentido desta construção se partimos da realidade concreta e pontuarmos o estágio a que chegou tal construção “civilizatória burguesa”, seguindo as pistas do desenvolvimento das forças produtivas e do discurso da igualdade propostos pelos defensores do capitalismo como sistema promotor das liberdades individuais.

Façamos um breve retrato do capitalismo no século XXI:

Os dados da PNUD (2014) apontam que 1% da população mundial concentra 40% da riqueza acumulada. Em contraposição, 50% da população mundial reparte, entre si, 1% da riqueza até então produzida. A população mundial é composta por sete bilhões e trezentos milhões de pessoas, aproximadamente. Esta população está dividida pelos cinco continentes da seguinte forma: Ásia: 4,4 bilhões; África: 1,1 bilhões; América: 954 milhões; Europa: 743 milhões e Oceania: 40 milhões.

O relatório-2014 do Credit Suisse, afirma que a riqueza mundial bateu novo recorde e alcançou a cifra de US\$263 trilhões. O PIB-2014 (FMI) foi de aproximadamente US\$ 72 trilhões. As 10 maiores economias do mundo (EUA, China, Japão, Alemanha, França, Reino Unido, Brasil, Itália, Rússia e Índia) concentraram a produção em US\$ 48 trilhões, o equivalente a 66% do total da produção mundial de bens e serviços. Destaque para os EUA que, mesmo em crise, seguem como a maior economia do mundo com um total de US\$ 17,5 trilhões de dólares, seguido da China com US\$10 trilhões e o Japão por US\$4,8 trilhões.

O Instituto Federal de Zurique divulgou, em 2011, um estudo de cientistas matemáticos que mapearam o poder das corporações no mundo. Intitulado A rede de controle corporativo global, os pesquisadores evidenciam que 147 corporações gigantes, com o status de super entidade, controlam 40% da riqueza do mundo. De um total de 43.060 empresas no mundo, apenas 147 dominam a produção e circulação de mercadorias.

Um exemplo a ser analisado: A corporation Nestlé é uma empresa suíça com um lucro anual de aproximadamente US\$ 10 bilhões. Segundo as informações que constam em seu site, a empresa possui 57 marcas das quais se derivam quase 8000 produtos que incluem desde o tema da alimentação infantil, passando pelos achocolatados e as aquisições de marcas como L’oreal. Chama a atenção dois projetos produtivos no campo: Cocoa plan, na produção de cacau. Parceria com a Esalq para as papinhas; e o Nescafé plan que foi o responsável pela produção do selo único de comercialização do setor. Possui um programa de estudos chamado Summer Job Nestlé, cujo objetivo é proporcionar, em parceria com universidades brasileiras,

a inserção dos jovens estudantes no mercado formal de trabalho. Possui programas de estágios, de treinamentos e de inserção profissional dos estudantes no mercado de trabalho.

Especificando: uma das maiores corporações do mundo, a Nestlé, está presente em 194 países, possui 447 fábricas e emprega 330.000 trabalhadores. Também está no ramo de medicamentos com a aquisição da Alcom, controla a produção de água mineral no mundo, possui 30% das ações da L'oreal e o seu valor estimado nas bolsas de valores é de US\$ 25 bilhões.

2) A acentuação da barbárie social

Mas o que realmente faz destas grandes marcas as donas do mundo? O que as torna grandes produtoras de riqueza capitalista ao longo da história? em *A ideologia alemã* os autores sustentavam que (Marx&Engels, 2007, p.64):

A transformação, pela divisão do trabalho, de forças (relações) pessoais em forças reificadas não pode ser superada arrancando-se da cabeça a representação geral dessas forças, mas apenas se os indivíduos voltarem a subsumir essas forças reificadas a si mesmos e superarem a divisão do trabalho. Isso não é possível sem a comunidade. É somente na comunidade [com outros que cada] indivíduo tem os meios de desenvolver suas faculdades em todos os sentidos; somente na comunidade, portanto, a liberdade pessoal torna-se possível. Nos sucedâneos da comunidade existentes até aqui, no Estado etc., a liberdade pessoal existia apenas para os indivíduos desenvolvidos nas condições da classe dominante e somente na medida em que eram indivíduos dessa classe. A comunidade aparente, em que se associaram até agora os indivíduos, sempre se autonomizou em relação a eles e, ao mesmo tempo, porque era uma associação de uma classe contra outra classe, era, para a classe dominada, não apenas uma comunidade totalmente ilusória, como também um novo entrave. Na comunidade real, os indivíduos obtêm simultaneamente sua liberdade na e por meio de sua associação.

A vitória da ideia de civilização burguesa, ancorada na supremacia do indivíduo e na liberdade para compra-venda mediada pelo dinheiro pode ser exposta na narrativa da vida cotidiana de milhões de pessoas que estão fora da inclusão sistêmica da sociedade de consumo. Conforme sustentam Marx e Engels (2007, p.86)

Se na concepção do curso da história separarmos as ideias da classe dominante da própria classe dominante e as tornarmos autônomas, se permanecermos no plano da afirmação e de que numa época dominaram estas ou aquelas ideias, sem nos preocuparmos com as condições da produção nem com os produtores dessas ideias, se, portanto, desconsiderarmos os indivíduos e as condições mundiais que constituem o fundamento dessas ideias, então poderemos

dizer, por exemplo, que durante o tempo em que a aristocracia dominou dominaram os conceitos de honra, fidelidade etc., enquanto durante o domínio da burguesia dominaram os conceitos de liberdade, igualdade.

A FAO-2014, em seu documento Estado e insegurança alimentar no mundo, destaca que existem 800 milhões de pessoas que passam fome. Destes, 790 milhões estão em regiões subdesenvolvidas. Entendidas como as que possuem os menores índices de desenvolvimento humano, mas os melhores índices para a exploração de trabalhadores e expropriação de terras fecundas em recursos naturais, minerais. Ásia, África e América Latina partilham entre si esta contraditória situação de sua pobreza ancorar-se, na riqueza concentrada e centralizada em 147 corporações situadas ao Norte do continente. É a vigência permanente do que Galeano consagrou como a história da desigualdade crônica e inerente ao violento mecanismo de expansão e poder do capital, em *As veias Abertas da América Latina*.

Em outras palavras, com base no relatório da dívida externa mundial 2014, 82% da população mundial vivem nos países em desenvolvimento, territórios que concentram somente 32% da produção mundial. Estes territórios populosos concentram parte expressiva de importantes recursos naturais estratégicos à produção de mercadorias. Terra e trabalho conformam assim o fundamento histórico da dependência destas economias à dinâmica de concentração-centralização do capital efetuada pelos capitais do Norte, a partir das novas anexações coloniais no Sul.

Os dados da PNUD-2014 relatam que existem 2,2 bilhões de pessoas no mundo em situação de pobreza. Destas, 1,2 bilhões de pessoas vivendo com US 1,25 ou menos ao dia; são quase 100 milhões de crianças em estado de desnutrição e 165 milhões de crianças raquíticas. Josué de Castro, ao analisar a questão da desnutrição no Brasil nos anos 1940's, explicitou uma triste radiografia do que caracterizou como a Geografia da Fome, o que lhe permitiu definir o subdesenvolvimento como uma forma concreta de subeducação.

Estudos apontam que mesmo frente a aparentes melhoras quantitativas, relativas às estatísticas da desumana ação do capital sobre os territórios (recursos naturais e vida), no caráter qualitativo, tal situação se agravou ao longo do desenvolvimento das forças produtivas, da propriedade privada e do Estado capitalista. Por quê? A resposta a esta questão depende do referencial que manejamos e, não menos importante, da leitura política da realidade concreta tratada. Assim, se partimos de uma análise atrelada ao posicionamento da teoria valor-trabalho de Smith verificamos que o problema é o resultado de uma produção ineficiente, cujo atraso na lógica da especialização técnica e no desenvolvimento do trabalho produtivo qualificado se apresenta como o motor explicativo do problema. Isto é, a raiz do problema não está

na origem da propriedade privada e do próprio modo de produção capitalista enraizado na intensificação da desigualdade entre capital-trabalho, economias imperialistas-dependentes.

Mas, se a perspectiva reflexiva para a resposta estiver ancorada em Marx, é necessário definir dita situação a partir da substância inerentemente desigual e violenta do modo de produção capitalista. A exploração da força de trabalho, com base na ideia de trabalhadores “livres” e assalariados, que na aparência do fenômeno narra uma situação menos perversa que a da escravidão e da servidão, na essência confirma as impossibilidades concretas, para a classe trabalhadora de melhorar sua situação, dada a real condição de subsunção ao capital.

Na forma-conteúdo de produção de morte-vida mercantil, Marx explicita a base do fetichismo na produção da mercadoria (Marx, 1998, p.188):

O misterioso da forma mercadoria consiste, portanto, simplesmente no fato de que ela reflete aos homens as características sociais do seu próprio trabalho como características objetivas dos próprios produtos de trabalho, como propriedades naturais sociais dessas coisas e, por isso, também reflete a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social existente fora deles, entre objetos”.

Segue o autor (Marx, 1998, p.200),

[...] os homens relacionam entre si seus produtos de trabalho como valores não porque consideram essas coisas meros envoltórios materiais de trabalho humano da mesma espécie. Ao contrário. Ao equiparar seus produtos de diferentes espécies na troca, como valores, equiparam seus diferentes trabalhos como trabalho humano. Não o sabem, mas o fazem. Por isso, o valor não traz escrito na testa o que ele é. O valor transforma muito mais cada produto de trabalho em um hieróglifo social. Mais tarde, os homens procuram decifrar o sentido do hieróglifo, descobrir o segredo de seu próprio produto social, pois a determinação dos objetos de uso como valores, assim como a língua, é seu produto social. A tardia descoberta científica, de que os produtos de trabalho, enquanto valores, são apenas expressões materiais do trabalho humano despendido em sua produção, faz época na história do desenvolvimento da humanidade, mas não dissipa, de modo algum, a aparência objetiva das características sociais do trabalho.

O capitalismo, modo de produção particular de desenvolvimento da bárbara concepção de civilização nos moldes burgueses, no momento em que se funda e expande um modelo de produção de vida cuja raiz é a propriedade privada e a produção de vida de muitos, condiciona-se à compra-venda dos meios de produção, o real se oculta e em seu lugar se ergue uma fantasia com ares sobre-humanos. A apropriação de parte expressiva do tempo de trabalho alheio pelo dono do capital gera uma concentração cada vez maior da riqueza.

Entendida a produção de riqueza como acumulação presente-futura que transforma, em bases materiais concretas (exploração e expropriação) o dinheiro em mais dinheiro, seja

na forma de bens e serviços, ou na forma de bens não tangíveis como a educação, o trabalho doméstico e o trabalho feito em casa, típicos do capitalismo moderno.

O século XXI deve ser compreendido como o período de maior concentração-centralização do capital em proporção direta com o aumento dos problemas humanitários. Isto se, entendida a civilização como a busca de melhoria na relação dos/entre os seres sociais e a interação destes com os demais seres vivos e a natureza para além do fim mercantil.

As crises capitalistas têm sido desde os anos 1970's superadas com base na consolidação de mecanismos de produção-apropriação da riqueza, progressivamente mais perversos no âmbito tanto da inserção formal quanto nos rendimentos da classe trabalhadora. Entre estes mecanismos contemporâneos destaca-se o problema das dívidas (individuais, familiares, público-estatais). Ainda na relação de transferência de valor Sul-Norte vejamos os dados da dívida externa por regiões:

Dívida em bilhões de dólares
(CADTM: Comité para la anulación de la deuda del tercer mundo)

Locais	1980	1990	2000	2012
América Latina	230	420	714	1.258
África Subsaariana	61	176	213	331
Meio Oriente e África do Norte	67	137	144	177
Sul da Ásia	37	126	163	501
Leste da Ásia	61	234	497	1412
PECOT e Ásia Central ²	58	101	234	1150
Total	511	194	1965	4829

Disponível em: <http://cadtm.org/Las-Cifras-de-la-Deuda-2015>

3) A corporação Kroton-Anhanguera: a primazia do capital especulativo na educação

O Instituto Nacional de Pesquisa em Educação relata, no censo-2013, o seguinte retrato da educação pública brasileira:

Existem 2.391 instituições de ensino superior no Brasil, das quais 2090 são privadas e 301 são públicas. Estão matriculadas nestas instituições 7.305.977 em cursos de graduação, sendo 5.373.450 nas privadas (73,5) e 1.932.527 (26,5%) nas públicas. São 367.282 professores lecionando, 155.219 estão na rede pública enquanto 212.063 estão na rede privada.

A relação quantidade de aluno por professor nas duas redes explicita outra diferença: 9,11 alunos por professor nas privadas, frente 34,62 alunos por professor nas públicas. A ên-

² Europa Central y del este más Turquía (PECOT) y Asia central: Albania, Armenia, Azerbaiyán, Bielorrusia, Bosnia-Herzegovina, Bulgaria, Croacia, Georgia, Kazajistán, Kirguistán, Kosovo¹, Macedonia, Moldavia, Montenegro, Uzbekistán, Rumania, Serbia, Tayikistán, Turkmenistán, Turquía, Ucrania.

fase a formação profissional, rápida, atrelada aos cursos tecnólogos teve uma média anual de crescimento de 21.1% no período de 2003-2013, cuja concentração das matrículas se dá na rede privada, 85,3%. São 2016 faculdades, juntas representam 84,3% das instituições e concentram 29,2% dos alunos matriculados.

Esses elementos explicitam o teor da educação como mercadoria no avançado desenvolvimento das forças produtivas capitalistas no século XXI período de supremacia do capital financeiro especulativo. A educação, serviço e direito básico da sociedade, cuja função na época dos estudos de Marx ainda não se apresentava como mercadoria, ganha outras feições/complexidades e o capital, independente do âmbito de sua valorização, subsume a força de trabalho, institui metamorfoses nos direitos sociais e gera novas vantagens mercantis para si às custas de uma maior intensificação da sangria da condição de reprodução de vida da classe trabalhadora.

Um exemplo característico do capital produtivo na educação: Kroton, a irmã siamesa da Nestlé na produção da educação brasileira em seu fim mercantil. Sua raiz está em um tempo histórico politicamente obscuro ainda que economicamente se apresente como a era do milagre econômico. Nascida no período militar, em pleno boom do milagre econômico brasileiro, o pré-vestibular Pitágoras teve o êxito de seu empreendimento advindo da mercantilização dos serviços na dinâmica direta de valorização do capital, como relação social de produção baseada na propriedade privada e no lucro.

Uma visita objetiva e rápida ao site desta empresa da educação permite a seguinte radiografia histórica de seu processo de produção-acumulação de capital: A Kroton nasceu em 1966 como um cursinho pré-vestibular (Pitágoras) constituído por cinco professores que, em menos de dois anos possuíam seiscentos alunos distribuídos por 13 turmas em três turnos. Nos anos 1970 o cursinho vira colégio e envolve no ensino médio 5000 jovens de 11 a 18 anos. Na mesma década o Colégio Pitágoras vira Grupo Pitágoras que avança para a educação básica.

Em plena década perdida (década de 1980), era em que os capitais transnacionais consolidam fusões-aquisições para contra-restar sua tendência à queda da taxa de lucro, o Grupo Pitágoras se associa às empreiteiras, aos capitais de grandes magnitudes, e consolida a internacionalização dos negócios. Com base em sua própria leitura:

Em 1979, começaram as operações internacionais, com a abertura de colégios Pitágoras em diversos países do mundo: China, Maurítânia, Congo, Peru, Equador e Angola, em parceria com grandes empresas - Mendes Júnior, Norberto Odebrecht e Andrade Gutierrez. Atualmente, no Brasil, o Pitágoras mantém parcerias com empresas de relevância nacional: Vale, Alumar, Mine-

ração Taboca, Embraer, dentre outras. (disponível em: <http://www.redepitagoras.com.br/pagina/21/nossa-trajetoria.aspx>)

Acompanhando o processo de abertura neoliberal (década de 1990), cuja nova fase da ordem e do progresso era a de consolidação da primazia do privado sobre o público nos concebidos direitos sociais (educação, saúde, previdência, segurança), o Grupo Pitágoras consolida a rede Pitágoras e associa-se assim a 106 escolas. No final da mesma década, segundo a linha cronológica disponibilizada, o Grupo consolida a Fundação Pitágoras, com o suposto fim de participar diretamente como Terceiro Setor da produção social da educação de qualidade no Brasil.

Em 2000 o Grupo cria sua primeira Faculdade em parceria direta com a empresa de educação dos Estados Unidos, Apollo Internacional. E em 2007 ocorre o grande salto substantivo deste capital: a abertura do capital na BOVESPA com o nome Kroton Educacional. O cursinho pré-vestibular torna-se assim uma grande companhia capitalista da educação, tendo como um de seus principais injetores de capital a empresa Advent International, quem começou a compartilhar os rumos do empreendimento. Chega em 2015 administrando um total de 11 importantes marcas da educação.

1960	Nasce o curso pré-vestibular Pitágoras
1970	Constituição do Colégio Pitágoras
1980	Transição para o Grupo Pitágoras
1990	Conformação da rede Pitágoras
2000	Associação com o capital norte-americano Faculdade Pitágoras
2009	Abertura de capital e transformação do Pitágoras em Kroton
2010	Aquisição de outros grupos pela Kroton: IUNI, UNIC, UNIMI FAMA
2011	Aquisição das faculdades: Atenas (Maranhão); União (Paraná), Sorriso, Grupo UNOPAR.
2012	Aquisição da Unirondon, da Uniasselvi (líder em educação à distância)
2013	Expansão de 40 novos polos de educação presencial e à distância; Associa-se ao Grupo Anhanguera

Essa linha cronológica disponibilizada pelos próprios proprietários da mercadoria educação oculta contradições, disputas intercapitalistas e, essencialmente, uma avassaladora acentuação da superexploração da força de trabalho na educação após as fusões e aquisições consolidadas.

Segundo o site, este capital concentrado-centralizado conta com: 125 instituições de ensino superior, presente em 83 cidades pertencentes a 18 estados brasileiros. Uma explícita síntese de ocupação territorial, geopolítica e geoeconomia do poder. Soma-se a isto, 726 polos

de educação à distância. Está associada a 870 escolas básicas e conta com um portfólio de mais de 400 cursos livres-preparatórios.

Em número de alunos:

Um milhão e setenta e um mil alunos de ensino superior e pós-graduação; 41 mil alunos no Pronatec; 53 mil alunos em Cursos não regulados; 290 mil alunos de educação básica. (Disponível em: <http://www.kroton.com.br/>)

Com um lucro líquido (2013) de R\$ 582,4 milhões a empresa expressa o aumento de seus rendimentos acima das expectativas da companhia:

- Taxas de captação e rematrículas do 1T14 estão acima das metas diárias da Companhia. Expectativa de adição de 203,8 mil novos alunos de Graduação Presencial e EAD, um crescimento de 16,2% em relação ao 1T13. A estimativa é que, ao final do processo seletivo, a base total de alunos supere a marca de 585 mil estudantes, com um crescimento de 22,9% em relação ao mesmo período de 2013.
- Primeiro semestre de atuação (setembro/2013 a março/2014) no Pronatec registrou 5.290 alunos médios. Potencial crescimento reforçado com a autorização de adicionar quase 26 mil novas vagas, que devem gerar cerca de 14 mil ingressantes dentro do atual processo de captação.
- Receita líquida aumentou 42,1% em relação ao 4T12, devido, especialmente, ao aumento do número de alunos de Ensino Superior. Em 2013, o crescimento orgânico da receita líquida total (same units) foi de 37,7% em relação a 2012.
- Resultado operacional totalizou R\$ 208,6 milhões, um aumento de 111,6% frente ao 4T12. Margem operacional de 40,2%, representando um incremento de 13,2 p.p. em comparação com o mesmo período do ano anterior. No ano, o resultado operacional apresentou crescimento de 82,5% frente a 2012. (disponível em: <http://www.kroton.com.br/>)

Nos dados disponíveis no site do mercado de valores, BOVESPA, a mercadoria educacional Kroton-Anhanguera, possui 1.621.377.000 ações e um valor de mercado de US\$ 25 bilhões. A mercantilização da educação revela a atual fase de produção e reprodução do capital e complexifica o debate sobre trabalho produtivo e improdutivo. Nos termos clássicos de Marx a categoria trabalho produtivo se define da seguinte forma (Marx, 2000, p.83):

Trabalho produtivo não é mais que uma expressão sucinta que designa a relação íntegra em que se apresenta a capacidade de trabalho e o trabalho no processo capitalista de produção. Por conseguinte, se chamamos de trabalho produtivo, falamos pois de trabalho socialmente determinado, de trabalho que implica uma relação netamente determinada entre o comprador e o vendedor de trabalho. O trabalho produtivo se troca diretamente por dinheiro enquanto capital, isto é, por dinheiro que em si é capital, que está destinado a funcionar como capital e que como capital se contrapõe à capacidade de trabalho. Trabalho produtivo, em consequência, é aquele que para o trabalhador reproduz somente o valor previamente determinado de sua capacidade de trabalho, enquanto que em sua condição de atividade geradora de valor valoriza o capital e enquanto capital opõe o trabalhador aos valores criados por ela mesma.

Considerações finais: Complexo de complexos

O que conecta os três processos reflexivos? O princípio estruturante de desenvolvimento metabólico do capital às custas da mercantilização da vida e dos seres sociais e demais seres vivos, baseado em um processo de brutalidade sem precedentes na história da humanidade. Como salienta Meszáros (2005, p.58):

As determinações gerais do capital afetam profundamente cada âmbito particular com alguma influência na educação, e de forma nenhuma apenas as instituições educacionais formais. Estas estão estritamente integradas na totalidade dos processos sociais. Não podem funcionar adequadamente exceto se estiverem em sintonia com as determinações educacionais gerais da sociedade como um todo.

A dialética de desenvolvimento do capital-mercadoria manifesta as diversas formas de expressão de uma mesma estrutura: o capital. Capital comercial, capital bancário, capital produtivo nada mais são do que esferas reprodutivas da mesma base de produção, extrativa, de valor. As raízes históricas da exploração permanecem e os tempos contemporâneos agudizam aquilo que ela consolidou: a transformação das coisas em seres, e dos seres em coisas.

Nestlé, Kroton-Anhanguera e demais capitais nada mais são do que a atual encarnação de um processo de desenvolvimento histórico-originário ancorado no princípio metabólico capitalista: a produção, apropriação da riqueza, centrada na exploração, espoliação, exploração da terra e da força de trabalho.

Ante esta bárbara ordem social, concordamos com a necessária radicalidade proposta por Meszáros ao destacar que somente uma negação radical que consiste na luta contra todo tipo de alienação, é capaz de superar a ordem miserável vigente (Meszáros, 2005, p.60):

Precisamente porque estamos preocupados com um processo histórico, imposto não por uma ação exterior mítica de predeterminação metafísica (...) tampouco por uma “natureza humana” imutável...mas pelo próprio trabalho, é possível superar a alienação com uma reestruturação radical das nossas condições de existência há muito estabelecidas e, por conseguinte, de “de toda a nossa maneira de ser.

Em 1972, Ruy Mauro Marini, em *Dialética da dependência*, definia um dos temas que se tornariam polêmicos no debate daquela década no que se referia a debilidade-força da América Latina. Sustentava a seguinte perspectiva (Marini, 1972, p.32-33):

Não é porque se cometeram abusos contra as nações não industriais que estas se tornaram economicamente débeis, é porque eram débeis que se abusou de-

las. Não é tampouco porque produziram mais do que o devido que sua posição comercial se deteriorou. Foi a deterioração comercial que a forçou a produzir em maior escala. Negar-se a ver as coisas desta maneira é mistificar a economia capitalista internacional, é fazer crer que essa economia poderia ser diferente do que realmente é em última instância, isso conduz a reivindicar relações comerciais equitativas entre as nações, quando do que se trata é de suprimir as relações econômicas internacionais que se baseiam no valor de troca.

Em pleno século XXI verificamos a assertiva da posição de Marini, ao explicitar que a transnacionalização do capital no âmbito mundial de forma geral, e na América Latina de forma particular, expõem a força-fraqueza do capital e das forças antagônicas que se contrapõem a ele nos territórios concretos. Povos camponeses, originários, trabalhadores de todos os setores encontram-se em uma situação geral de exploração ainda mais intensa, e particular de superexploração agudizada. A nova fase do imperialismo encarna novos-velhos problemas históricos relativos a propriedade da terra, ao direito à vida e ao sentido do trabalho.

As novas-velhas demarcações da fragilidade no território latino-americano se delimitam pelo poder ainda mais intenso do capital monopolista financeiro no breve século XXI, definido pela explicitação das contestações sobre a possibilidade real de vida para além do consumo-consumista ordenado desde a nova dinâmica do desemprego ou do emprego vulnerável no continente. Após mais de quatro décadas de neoliberalismo o que temos é a nova-velha necessidade de reivindicar outro modo de produção de vida, cuja raiz seja o fim da propriedade privada sobre a terra e o fim da exploração da força de trabalho, oculta na aparência do trabalho assalariado “livre”. Trabalho coisificado, gerador de lucros cada vez mais concentrados-centralizados em poucas mãos.

Como chamaremos tal contraofensiva ao capital - bem viver, socialismo, ou que outro termo se crie para se explicar o próprio -, pouco importa. Pois do que se trata, realmente, para além do termo utilizado, é se seremos capazes, como classe, de romper as históricas amarras que aparentemente nos conectam pela tecnologia atual, mas cuja substância nos separa ainda mais de nós mesmos, de nossa relação com os demais seres e de nosso vínculo histórico, necessário, com a natureza. Socializar o individualizado, Resignificar o trabalho exteriorizado, coletivizar a propriedade privada, reintegrar a relação indissociável entre ser social e natureza em uma perspectiva em que o sentido orgânico de classe supere o pragmatismo mercantil, eis os temas chaves da luta de classes ontem e hoje no plano nacional e internacional. Como sustentava Marini no texto *O desafio da economia mundial*, (1993):

América Latina se encontra em uma encruzilhada. Sua sorte se joga neste fim de século e o desenlace é ainda incerto. Os momentos difíceis que estamos vendo são o que caracterizam toda grande mudança histórica. Entender que as

vitórias até aqui logradas pela burguesia nacional e internacional são tão somente resultados parciais e não o veredictum historia, é o camino para substituí-las amanhã pelas vitórias dos povos, degraus na edificação de uma sociedade melhor, distinta ao fruto hoje podre, feito de dependencia e miseria que a burguesia nos oferece. (Disponível em: http://www.marini-escritos.unam.mx/079_desafio_economia_mundial.html)

Referências

COX, R. Fuerzas sociales, estados y ordenes mundiales: Más allá de la Teoría de Relaciones Internacionales. México: **Revista de relaciones internacionales**, n.24, GERI, 2014.

MANDEL, E. **O capitalismo tardio**. São Paulo: Nova cultural, Coleção Economistas, 1985, 2ª edição.

MARINI, R.M. **Dialéctica de la dependência**. México: Serie Popular Editora Era. 1972.

MARINI, R. M. **América Latina: integración y democracia**. Editora Nueva Sociedad, Caracas, 1993. Disponível em: http://www.marini-escritos.unam.mx/079_desafio_economia_mundial.html.

MARX, K. & ENGELS, F. **A ideologia Alemã**. Crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, Bauer, Stirner e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. SP: Editora Boitempo, 2007.

MARX, K. **O Capital: O processo de produção do capital**. Livro I, Tomo I. México: Siglo XXI editores, 22ª edição, 1998.

MARX, K. **O Capital: O processo de produção do capital**. Capítulo VI inédito. México: século XXI editores, 15a. edição, 2000.

MESZÁROS, I. **A educação para além do capital**. SP: Editora Boitempo, 2005.

SILVA, L. **A mais valia ideológica**. Florianópolis: Editora Insular, IELA, 2013.

SMITH, A. **A riqueza das Nações**. Investigação sobre sua natureza e suas causas. RJ: Ed. Nova cultural. Vol. I. 1996.

Sites-temas:

A dívida do terceiro mundo: Caderno disponível em: <http://cadtm.org/Las-Cifras-de-la-Deuda-2015>

Bolsa de valores: <http://www.bmfbovespa.com.br/home.aspx?idioma=pt-br>

Censo Educação Superior – INEP-2014. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/censo-da-educacao-superior>

FAO-Segurança alimentar. Disponível em: https://www.fao.org.br/download/SOFI_p.pdf

Kroton-Anhanguera. Disponível em: <http://www.kroton.com.br/>

Nestlé. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/web/censo-da-educacao-superior>.

PNUD-2013. Relatório disponível em: <http://www.pnud.org.br/arquivos/rdh-2013-resumo.pdf>